


DOI: 10.22476/revcted.v6i2.462

ISSN: 2447-4223

CARTA PEDAGÓGICA: DIREITO À EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mariana da Cunha Sotero¹

 <http://orcid.org/0000-6754890>

Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Campinas, SP, Brasil

Submetido em: 02/11/2020	Aceito em: 19/12/2020	Publicado em: 31/12/2020
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------

Resumo

Esta carta pedagógica traz reflexões sobre os significados da escola, do direito à educação e apresenta experiências sobre a constituição de práticas curriculares na escola para os sujeitos com deficiência e altas habilidades em um cenário de pandemia, Covid-19, que nos impõem o distanciamento de corpos. A partir do diálogo com a equipe da educação especial são produzidos enunciados sobre a reinvenção da escola e de suas relações sociais por meios digitais, dos limites de se retomar os vínculos com todos, dos desafios para organização da prática pedagógica e acolhimento nas novas condições de vida. Ainda assim, as reflexões nos mostram que as equipes sustentam e constroem experiências de diálogo, interação e produção de conhecimentos na escola. Os relatos revelam que há uma luta para se manter o direito de todos à educação, e quando diz respeito aos estudantes com deficiência e altas habilidades, há a organização de um conjunto de ações e novos recursos tecnológicos para garantir sua acessibilidade às práticas culturais da escola.

Palavras-chave: Educação e pandemia; Educação Especial; Direito à educação.

PEDAGÓGICA LETTER: RIGHT TO EDUCATION AND SPECIAL EDUCATION IN PANDEMIC TIMES

Abstract

This pedagogical charter has reflections on the meanings of the school, the guarantee of education for all and presents experiences on the constitution of curricular practices in the school for people with disabilities and high abilities in a pandemic scenario, Covid-19, that impose us the distance of bodies. In the dialogue with the special education team, texts are produced about the reinvention of the school and its social relations by digital means, the limits of reestablishing links with everyone,

¹ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Coordenadora Pedagógica do Núcleo de Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação. E-mail: marianahcunha@gmail.com



the challenges for the organization of pedagogical practice and working in the new living conditions. Even so, the reflections show us that the teams sustain and build experiences of dialogue, interaction and production of knowledge in school. The talks show that there are actions to ensure the education of all students, and for students with disabilities and high skills, there is the organization of a set of actions and new technological resources to ensure their accessibility to school cultural practices.

Keywords: Education and pandemic; Special education; Right to education.

CARTA PEDAGÓGICA: DERECHO A LA EDUCACIÓN Y EDUCACIÓN ESPECIAL EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Resumen

Esta carta pedagógica presenta algunas experiencias y reflexiones sobre los significados de la escuela, el derecho a la educación y la configuración de prácticas curriculares en la escuela para sujetos con discapacidad y altas competencias en un escenario pandémico; Covid-19, que nos imponen un distanciamiento corporal. A partir del diálogo con el equipo de educación especial, se producen declaraciones sobre la reinención de la escuela y sus relaciones sociales por medios digitales, los límites de retomar los vínculos con todos, los desafíos para organizar la práctica pedagógica y acoger las nuevas condiciones de vida. Aun así, las reflexiones nos muestran que los equipos sustentan y construyen experiencias de diálogo, interacción y producción de conocimiento en la escuela. Los informes revelan que, se lucha por mantener el derecho a la educación de todos y, en el caso de los estudiantes con discapacidad y altas competencias, se organiza un conjunto de acciones y nuevos recursos tecnológicos para garantizar su accesibilidad a las prácticas culturales de la escuela.

Palabras clave: Educación y pandemia; Educación especial; Derecho a la educación.

Campinas, 07 de outubro de 2020.

Queridos companheiros de caminhada na educação,

Venho perguntando qual é o lugar da escola em tempos de pandemia, Covid-19, em que o isolamento social é o lugar mais seguro do perigo de um vírus? Como se organizam propostas curriculares que garantam a participação na escola das pessoas com deficiência e altas habilidades, público da educação especial, de forma remota?

Em uma reunião de trabalho permeada por essas perguntas observo que o encontro dos professores e professoras de educação especial com as escolas, naquela reunião já há dois meses



desabitadas das interações presenciais e suas múltiplas linguagens, produz novos significados e enunciados sobre lugar da escola na vida social. Cada professor e professora de educação especial com uma palavra, que “(...) é um pequeno palco onde as relações sociais se confrontam (...)” (VOLOCHINOV, 2017, p.140), nos diz que nesse momento a escola é...

LUGAR essencial, acolhedor, mediador, segregador, de refúgio, de ressignificação...

LUGAR DE MANTER E REINVENTAR o acolhimento, o vínculo, a interação, a proximidade, o apoio, o cuidado, os vínculos afetivos, as trocas, a coletividade, a informação, a proteção...

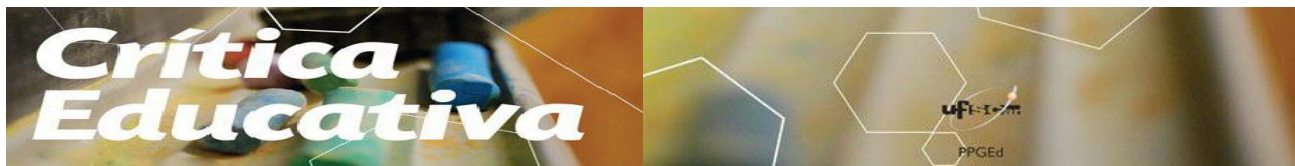
LUGAR QUE SUSTENTA acolhimento, humanização, união, sensibilidade, escuta, empatia, companheirismo, esperança, respeito, construções, novas aprendizagens, experiências...

LUGAR DE VIVER E SENTIR acolhimento, alento, saudade, amor, liberdade, falta de liberdade, amizade, afetividade, novidade, apoio, medo, distância, incerteza, desabafo, empatia, desafio, superação, renovação, confusão, estranho, falta, mudança, insegurança, esperança...

Cada palavra enunciada por cada professor é fruto da interação viva das forças sociais que resistem criando uma escola, que mesmo em tempos de isolamento de corpos, produz com grande parte de sua comunidade: relações, conhecimentos, afetos e emoções. Essa escola também luta para se fazer presente na vida de todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos em um contexto em que para muitos não estão garantidas as condições materiais para acessá-la.

Nesse cenário em que escola se realiza por meios digitais e que é chamada a reinventar suas relações sociais, eu junto minhas colegas coordenadoras do Núcleo de Educação Especial, convidamos as professoras de educação especial a partilhar os sentidos elaborados na relação não indiferente com a educação das crianças, adolescentes, jovens e adultos com deficiência e altas habilidades em tempos de pandemia. No contexto dessa rede de ensino em que trabalhamos, o lugar institucional do professor de educação especial é o de atuar na escola articulado à toda a equipe colaborando com conhecimentos e práticas especializadas para garantir aos estudantes com deficiência e altas habilidades/superdotação o acesso a todas as práticas culturais da escola.

As narrativas das professoras de educação especial revelam que o isolamento social convoca a comunidade escolar a retomar as relações, agora por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação. As equipes escolares se ocupam de onde estão as crianças, adolescentes, jovens e adultos? Onde estão as famílias? Como contatá-las? Famílias procuram a escola para ter acesso à

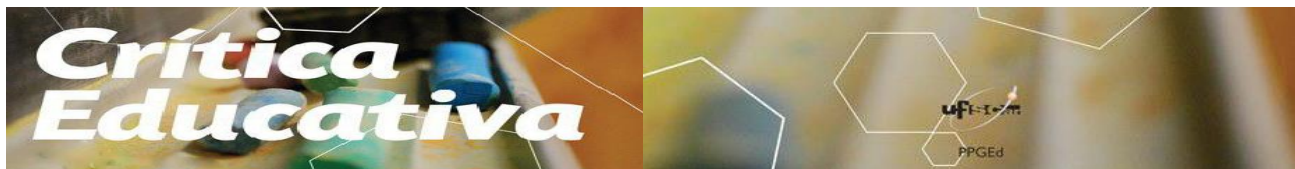


alimentação escolar disponibilizadas através de cestas de alimentos provenientes da merenda escolar, para solicitar alguma forma de continuidade das atividades escolares, para buscar materiais pedagógicos... Cada comunidade escolar, a partir da sua realidade, encontra seus caminhos para chegar ao outro: ligações telefônicas, contato por whatsapp, e-mail, facebook institucional, contato através dos outros serviços que acompanham os estudantes (Caps, instituição especializada, outros). A busca é intensa e muitas relações se retomam!

“Oi, tudo bem? Como você está? O que está precisando?” para início de conversa que acolhe, escuta, cuida e se compromete com outro! E nessa escuta que acolhe as professoras de educação especial com sua comunicação alternativa, com sua audiodescrição, com sua experiência nas relações intersetoriais, com suas descrições em áudio, com todo os seus conhecimentos sobre linguagens e contextos acessíveis vão tornando possível, junto com a equipe escolar, retomar o contato com estudantes com deficiência e suas famílias. Ironicamente nesse contexto de isolamento social, o contato dos professores se faz diretamente com estudantes com deficiência e suas famílias, o que em tempos presenciais em muitos casos era mediado, atravessado e às vezes substituído pelo relação com os cuidadores ou estagiários, profissionais que agora tiveram seus contratos suspensos.

Desafios se colocam no caminhar: contatos telefônicos desatualizados, famílias que não tem acesso aos aparelhos ou a internet; famílias em situações tão vulneráveis socialmente que têm comprometida as condições de se contactar a escola, famílias e estudantes avessos a acessar a escola de forma virtual... A escola não consegue se fazer presente para todos, há crianças, adolescentes, jovens e adultos que ficam de fora! Realidade que inquieta “[...] *tem me deixado bem incomodada o fato de não ter encontrado algumas crianças e famílias*” são palavras de uma professora. Mas o direito de todos à educação, previsto na nossa Constituição Federal e fruto de muitas lutas, não deixou de existir com a pandemia!

Essa situação provoca a pensar sobre quantos são os sujeitos que não têm acesso à educação no contexto da pandemia e quais são as condições necessárias para que todos e cada um acessem? Qual o plano da escola em relação aqueles que não tiveram acesso? Como a escola pode constituir redes de apoio com - saúde, assistência, conselhos de direitos, justiça, poder público - no processo de corresponsabilidade pelo direito à educação?



A escola vai construindo sentidos por muitos caminhos, para aqueles estudantes e famílias com quem foi possível se fazer presente, também busca ser presença, criar relações sociais, éticas, estéticas e cognitivas, sobretudo criar possibilidades de diálogos. As narrativas das professoras revelam que as crianças, adolescente, jovens e adultos são convidados a múltiplas vivências: ouvir histórias; participar de rodas de conversas com professores e colegas; fazer massinha caseira; fazer e ouvir relatos de memórias de infância; envolver-se nas memórias escolares de tempos presenciais; participar de leitura compartilhada; envolver-se em danças folclóricas; escrever diário da quarentena e ler livros sobre esse gênero como o Diário de Anne Frank, Diário de uma banana e Diário de uma garota nada popular; conhecer informações sobre a pandemia que assola o mundo; fazer culinária; participar de assembleias de classe; conversar sobre os desafios dos preconceitos raciais; experimentar um sarau literário; fazer desenhos com venda nos olhos; fazer narrativas com sonoplastia a partir de filme; apreciar curta metragens; participar de rodas de conversa sobre inclusão; criar histórias corporais a partir de cenários diversos; recontar e compartilhar desenhos... Propostas mediadas por uma tela que convidam a comunidade escolar a uma vivência com os corpos, sentidos, vozes, olhares, corações e palavras. Convidam a usar a tela para sair dela!!!

Como esse convite das escolas às relações sociais, éticas, estéticas e cognitivas chegam às crianças, adolescentes, jovens e adultos sujeitos históricos e simbólicos? Essas propostas produzem a qualidade do diálogo e mobilizam? As escolas recebem vídeos de crianças brincando com famílias, desenhos, vídeos de crianças recontando histórias, acesso às plataformas da escola e recebem também silêncios!! O que esse diálogo de interações e silêncios significam? Como construir propostas em diálogo, que acolhem as diferentes realidades, as escolhas e as necessidades dos sujeitos?

Somos provocados, então, a pensar sobre como construir relações fisicamente distantes onde as crianças, adolescentes, jovens e adultos público-alvo da educação especial não sejam meros espectadores? Como as relações virtuais podem possibilitar autoria, criação, a presença da vez e voz das pessoas com deficiências e altas habilidades? E nesse contexto, para nós educadores se coloca a tarefa freiriana de exercer “[...] como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo



comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que se funde na dialogicidade. (FREIRE, 2006, p. 38)

Como escutar as necessidades educacionais das crianças, adolescentes, jovens e adultos com deficiência e altas habilidades e tornar as práticas culturais da escola acessíveis a eles? Assim a nós educadores é necessário saber escutar “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele (...) o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 2006, p. 113).

Professoras em suas narrativas problematizam a ideia de adaptação de atividade ou adaptação curricular para crianças, adolescentes e jovens com deficiência, tão corrente nos discursos, que trazem em seu bojo um currículo paralelo, empobrecido e distante das práticas da escola e que sobretudo não escutam e não acolhem as necessidades educacionais dos estudantes. Essas professoras expõem as necessidades de se refletir com a equipe escolar a garantia da acessibilidade curricular.

Então proponho às professoras refletirmos sobre o conceito da área da educação especial de “acessibilidade curricular” ou “adaptações razoáveis” que propõe os ajustes ou transformações necessárias às práticas curriculares, realizadas a partir da escuta e acolhimento das necessidades educacionais dos alunos. Considerando-se que na perspectiva social a condição de deficiência está relacionada ao contexto onde a pessoa se encontra, a identificação das necessidades educacionais para organização da acessibilidade curricular deve se pautar em uma escuta pedagógica dos alunos no contexto escolar. Sobre isso, Baptista e Haas (2015) apontam que “as possibilidades de intervenção pedagógica que devem estar em consonância com as especificidades de cada sujeito, sendo analisadas no seu contexto de relação, sem desconstituir a participação desses estudantes no projeto educativo coletivo”. (BAPTISTA e HAAS, 2015, s/p.)

Agrega-se à discussão da acessibilidade a indagação sobre como promovê-la em tempos que o trabalho pedagógico não encontra o espaço físico da escola e as interações presenciais entre sujeitos? As professoras têm lançado mão de muitos meios tecnológicos e materialidades para garantir a acessibilidade e na RELAÇÃO encontram-se, aprendem, compartilham e utilizam: *ferramentas* como movie maker, vrecorder, audacity, Loom; *plataformas* como canal no youtube, google meet, google sala de aula, lives, facebook institucional, e-mail; whatsapp pessoal e



institucional, padlet; recursos como audiobook, audiodescrição, janelas em Libras, material impresso, materialidades (brinquedos, argilas, massinhas, tintas entre outros)... Essas relações com a tecnologia e materialidades são acompanhadas de muitas reflexões sobre quais as plataformas e recursos de acessibilidade digitais são necessários para cada estudante e quais são mais adequados a realidade de cada escola? Onde encontrar produções (vídeos, histórias entre outros) já acessíveis ou como usar a tecnologia para torná-las acessíveis sem ferir os direitos autorais? Que recursos e materialidades (pincéis engrossados, cadernos, tintas, pranchas de comunicação entre outros) cada uma precisa no contexto da casa para participar das propostas? Como apoiar e orientar os estudantes e famílias na aprendizagem do uso de tecnologias?

Observo que discursos possíveis para todas as indagações que nos acompanham nessa conversa vão sendo elaborados em cada escola pela sua comunidade e a partir de sua realidade ao se pautá-las nas reuniões de trabalho docente coletivo; nos diálogos da professora de educação especial com as professoras da turma; nos diálogos entre escolas famílias e estudantes; nas reuniões de entre orientadores pedagógicos e coordenadores pedagógicos. Nas palavras das professoras esse é momento em que se vive intensamente “o fazer junto com toda equipe”, “a colaboração entre os professores, “a ampliação do diálogo”. Nessa orquestração de diálogos, a equipe gestora (diretores, vice-diretores e orientadores pedagógicos), organizando os meios e tempos/espços virtuais para o encontro de sua comunidade, assim como evocando palavras que compõem e costuram o diálogo dos sujeitos da comunidade escolar, são regentes bravíssimos!!!

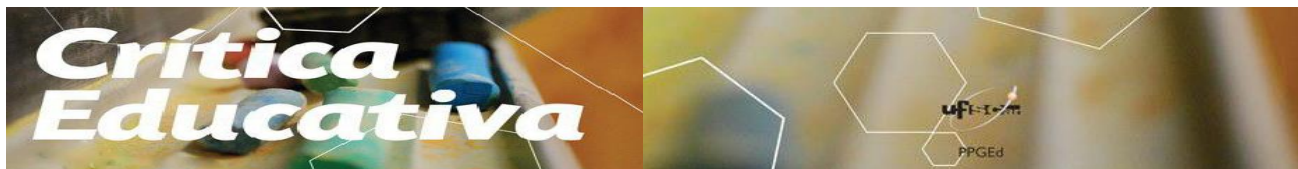
Mesmo em tempos de pandemia a vida nos mostra que: a escola é lugar de relação ... Escola é lugar de diálogo... A escola é lugar de todos...

Mariana da Cunha Sotero

Referências

BAPTISTA, C. R; HAAS, C. Currículo e educação especial: uma relação de (re) invenção necessária a partir das imagens-narrativas dos cotidianos escolares. **37ª Reunião Nacional da ANPEd** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.